

RIR PARA NÃO CHORAR: O RETRATO CRÍTICO DA MORALIDADE DO HOMEM DE CLASSE MÉDIA NA CRÔNICA DE LUIS FERNANDO VERISSIMO

Alan Leal de Mattos¹
Luiz Rogério Camargo²

RESUMO

Atualmente, a crônica tem sido um instrumento de grande alcance no que toca a reflexão sobre a vida social. Dentre os vários autores se destaca Luis Fernando Verissimo, que, com um estilo humorístico, consegue refletir com profundidade sobre as questões cotidianas. Sendo assim, este artigo pretende tematizar, dentro da vasta gama de possibilidades, a moralidade do homem de classe média na obra *Amor Verissimo* (2013).

Nessa obra, Verissimo retrata vários homens, de distintas situações, mas que se encontram no mesmo dilema entre o dever e o querer. A crítica do autor ressalta a tendência da sociedade de se fixar em normas estabelecidas e universais, mas que acabam criando um hiato com a vida que se apresenta como contingente. Neste ponto, pode-se fazer um paralelo entre a crítica de Verissimo e a do filósofo Friedrich Nietzsche, o qual afirma que o homem não pode viver como um viajante que tem uma meta estabelecida, mas deve se entender como um andarilho errante, que encontra sua alegria na mudança e na passagem, em total abertura ao que a vida apresenta.

Palavras-chave: Humor. Crônica. Moralidade. Luis Fernando Verissimo. Friedrich Nietzsche.

¹ Aluno do 3º ano do curso de Filosofia da FAE Centro Universitário. Voluntário do Programa de Apoio à Iniciação Científica (PAIC 2014-2015). E-mail: a.leal.mattos@gmail.com

² Doutorando em Literatura pela UFPR. Professor da FAE Centro Universitário. E-mail: lrcamargo.roger@hotmail.com

INTRODUÇÃO

A sociedade contemporânea é marcada por grandes transformações em todos os âmbitos e aspectos da vida social. Tais mudanças ocorrem de modo acelerado e, no caso da literatura, afetam o modo como é produzida, de sorte que não mais atende aos modelos outrora consagrados em sua distinção absoluta, como poesia e prosa. A flexibilização e a interação, entre os estilos literários, tornam-se a grande linha mestra do momento em que se vive.

Dentre os variados estilos, a crônica tem alcançado um acentuado e gradual destaque no cenário literário atual. Isso se deve a sua própria origem, da fusão do folhetim francês com o ensaio inglês, ou seja, a crônica é um gênero híbrido em sua gênese.

Essa característica da crônica oferece uma vasta amplitude de assuntos que podem ser abordados, dentre eles, o presente artigo se propõe a abordar a crítica social, mais especificamente do homem de classe média em seus aspectos morais na obra *Amor Verissimo* (2013), de Luís Fernando Verissimo.

A escolha pelo autor se justifica pelo contraste entre a sua vasta produção, seja em colunas jornalística ou em livros, e a escassez de estudos acerca de sua obra, visando contribuir com uma visão ampla da sociedade, em particular da classe média.

O artigo aborda a função do humor na literatura, seus aspectos e funções em relação às atividades cotidianas. Esclarecida essa questão, passa-se à crônica humorística e como esta capta as situações cotidianas usando da comicidade como atrativo e, ao mesmo tempo, como crítica social. Segue-se então para a abordagem mais direta da obra de Verissimo, fazendo-se uma análise da crítica social por meio do humor e da ironia com foco nos aspectos morais da vida social do homem.

1 O HUMOR NA VIDA: O RESGATE DA AUTENTICIDADE

O humor é um fator diretamente relacionado à vida comum e à vida social das pessoas. Segundo Henri Bergson (2004), o riso encontra sua expressão em uma relação social, em que o acontecer, bem como os encontros e desencontros da vida, dão a significação e função da comicidade e do riso. Fora desse âmbito o riso se torna vazio de sentido e sem um propósito. Essa função do riso é compreensível, conforme o autor, a partir de “[...] seu meio natural, que é a sociedade; é preciso, sobretudo, determinar sua função útil, que é uma função social. [...] O riso deve ter uma significação social” (BERGSON, 2004, p. 6).

No entanto, aqui se apresentam as questões: Que função é essa a do riso? Qual o lugar dele no âmbito social? Segundo Paulo Cezar Konzen (2002), o riso tem uma função primordial de instrumento de crítica onde todo e qualquer discurso é removido de sua indubitabilidade e conseqüentemente suas supostas certezas perdem a estabilidade (KONZEN, 2002, p. 45). Na mesma esteira, Bergson (2004) atenta para essa funcionalidade do cômico atrelado ao riso, a qual mantém questões vivas no lugar de certezas mortas e rígidas.

A sociedade necessita desse instrumento para manter a vivacidade, ao invés de atrelar-se a certezas que muitas vezes estão ultrapassadas, congelando e mecanizando o corpo social (BERGSON, 2004, p. 15). Similar comentário faz Konzen (2002, p. 47), ressaltando que

[...] a condição primordial para a existência do riso reside na oposição estabelecida entre o mecânico e o vivo: tudo o que é rígido, enrijecido, estereotipado e automático entra em contradição com o que é elástico, movente, individual e irrepetível, provocando o riso.

Esse atrito entre o estabelecido socialmente e a contingência da vida não somente gera o riso enquanto condição de riso, mas demonstra a necessidade de se considerar a vida com a leveza, sem abandonar as regras, necessárias à vida cotidiana, contudo sem deixar a vida sufocada pela “burocracia social”.

O risco da seriedade exacerbada diante da vida e do agir mecânico sempre apontam para a problemática da racionalização extrema. No pensamento ocidental há um predomínio do *logos*, ou seja, da razão. Essa supremacia levou ao entendimento da essência do homem a partir da definição “animal racional” – aquilo que distingue todo e qualquer homem é a racionalidade.

Essa supremacia, porém, não se aplica às crianças, de modo que, o humor, quando relacionado à questão da razão, evoca a questão de “se” todas as nossas ações são conduzidas pela razão. Esse questionamento surge da observação de certas atitudes que nos remetem à infância. É a estranha sensação de estarmos observando em um adulto as atitudes de uma criança. E isso gera uma reação dupla no ser humano, pois, “[...] cada vez que ‘no outro redescubro a criança’, esta redescoberta marca simultaneamente a superioridade e a inveja adulta: saudade da liberdade e da riqueza infinitas que pertencem à infância” (D’ANGELLI; PADUANO, 2007, p. 9).

A razão perde então sua estabilidade diante dessa assombrosa riqueza que é a vida infantil. Muitas das vezes as atitudes de uma criança são categorizadas como “desajuizadas”. Em paralelo, os loucos são considerados pessoas sem uma reta razão capaz de estabelecer juízos coerentes. O riso diante do louco, portanto, não é nada mais que a afirmação da ideia de que a razão e seu reto uso habilitam as pessoas ao estabelecimento e gestão de regras e normas nos campos sociais, ético e morais. Há de se perguntar, porém, se a razão em toda a sua estruturação lógica, que lhe confere uma suposta superioridade, é capaz de empreender juízos sempre corretos e plenos sobre as situações reais. Essa questão se põe dado que:

Na ostentação da superioridade sobre o louco mascara-se o temor de que sua lógica igualmente estruturada e resistente constitua um grande risco para a presumível inquestionabilidade do pensamento atual: suas leis, dadas, sem verificação, por completamente confiáveis, quando colocadas sob a lente de um tal olhar estrangeirizador, revelam-se discutíveis e, portanto, incertas, e mergulham na dúvida todo o sistema lógico (D’ANGELLI; PADUANO, 2007, p. 19).

Esse “olhar estrangeirizador” aponta que a grande dificuldade de se ter uma atitude equilibrada e crítica acerca do que move a sociedade é que nunca se está realmente “dentro” do cenário do estabelecido para compreender com acuidade o porquê das normas, bem como nunca se está totalmente fora desse cenário. Pode-se fazer um paralelo com o que o escritor inglês Gilbert Keith Chesterton (2014, p. 9) aponta em relação ao modo de ser ver o Cristianismo: “[...] a melhor coisa com relação ao Cristianismo, tirando o estar realmente dentro dele, é estar realmente fora dele”.

Para apontar o discutível, em termos de normas sociais, é preciso colocar-se, de certo modo, “fora” da sociedade, afinal, as regras estabelecidas são postas antes de os indivíduos poderem escolhê-las, privando um acesso imediato aos porquês das normas. O riso, portanto, vem como instrumento para transportar o indivíduo para o âmbito do “olhar estrangeirizador”.

Num segundo momento, o cômico, isto é, a comédia tem a função de equilibrar a sociedade. É um modo de evitar os extremos, seja do relaxamento, seja da rigidez em relação aquilo que foi acordado entre os indivíduos. Assim se expressa Bergson (2004, p. 64-65) sobre essa função:

A comicidade é esse lado da pessoa pelo qual ela se assemelha a uma coisa, aspecto dos acontecimentos humanos que, em virtude de sua rigidez de um tipo particular, imita o mecanismo puro e simples, o automatismo, enfim o movimento sem a vida. Exprime, portanto, uma imperfeição individual ou coletiva que exige correção imediata. O riso é essa correção. O riso é certo gesto social que ressalta e reprime certa distração especial dos homens e dos acontecimentos.

Bergson (2004) trata de “movimento sem vida”, isto é, de um modo de agir mecânico, artificial típico da sociedade moderna e contemporânea. Esse aspecto técnico-científico em si não é desprezível, mas necessita de correção, de ser posto em seu devido lugar, dando o espaço da naturalidade advinda da vida.

Também se pode perceber que Bergson, ao refletir sobre a questão, apresenta “[...] uma distinção entre riso e cômico: este último representa os desvios dos valores positivos, que merece punição, enquanto o riso é a recuperação dos valores e do equilíbrio social” (D’ANGELLI; PADUANO, 2007, p. 276).

Bergson considera que o cômico evidencia os erros, os equívocos daquilo que está estabelecido dentro de uma sociedade. Ele teria o caráter daquele que, dado o seu estilo, revela a realidade tal como ela é. O riso viria como um complemento na via da correção, daquele que aponta o caminho para sanar a realidade exposta pelo cômico. O riso, portanto, na visão de Bergson (apud D’ANGELLI; PADUANO, 2007, p. 277):

[...] é uma espécie de castigo, com o qual a sociedade reprova não tanto os defeitos morais quanto os defeitos de comportamento dos indivíduos, isso acarreta que o cômico é conformista, exprime os costumes, as ideias e mesmo os preconceitos que prevalecem na sociedade.

Em suma, a questão que se apresenta é a de que o cômico e o riso comportam uma missão de dupla dimensão. Se por um lado o cômico apresenta a realidade tal como ela é, demonstrando os vícios dos indivíduos, o modo automático e artificial da sociedade em determinados momentos, a partir desta realidade ela, convoca a sociedade a abandonar os preconceitos que geram a hipocrisia advinda da perfeição que acarreta na perda da autenticidade diante da vida, isto é, do modo natural de se encarar a vida. Aquele que se dispõe a enveredar no campo do humor tem por tarefa primordial

[...] desarticular as formas e os mecanismos prefixados que, regulando rigidamente a vida social, acabam por bloqueá-la, e obrigam os homens a assumir máscaras fixas que impedem uma relação autêntica com as dimensões mais profundas da realidade e da psique humana (D’ANGELLI; PADUANO, 2007, p. 279-280).

Considerando essa proposta que a comicidade e o riso trazem, há vários meios e mecanismos segundo os quais estes instrumentos são veiculados e sobre os quais a presente pesquisa poderia se debruçar, mas o escopo reside particularmente na crônica e, mais especificamente, na crônica humorística, esta constitui o próximo tema.

2 O HUMOR NA CRÔNICA: A (RE)PRESENTAÇÃO DA VIDA

Considerado o papel social do humor e suas implicações na teia de relações humanas, o tema a seguir aborda um dos veículos associados ao humor: a crônica.

Considerando etimologicamente a palavra **crônica**, segundo Konzen (2002), encontra sua raiz na palavra grega *chronos*, que significa “tempo”. Desse modo, pode-se compreender que a crônica tem por função “o papel de registrar os fatos reais ao longo de sua evolução no tempo” (KONZEN, 2002, p. 24).

A análise etimológica, entretanto, não dá a noção mais profunda do que a crônica seja enquanto estilo literário, nem de sua função quando atrelada ao humor. Faz-se necessário um aprofundamento na própria formação deste estilo literário.

A crônica é um estilo desde sua gênese híbrido, pois nasceu da junção do folhetim francês e do ensaio inglês. Essas são as duas raízes que edificam a crônica como estilo literário.

A partir do ensaio, a crônica adota a noção de tentativa (“essay”), desprezando, em grande parte, os apelos do rigor acadêmico e levando a um tratamento mais informal dos assuntos abordados. Do folhetim absorve a dimensão “ficcional” dos eventos e temas descritos nesta forma literária (KONZEN, 2002, p. 25).

A crônica traz em si essa dualidade de gêneros, possibilitando uma flexibilidade frutuosa enquanto estilo literário. Ao mesmo tempo em que tem como fonte os fatos reais da vida, a crônica se abre à ficção. Se por vezes ela aparenta tratar de assuntos com certa seriedade, não abdica do humor e da ironia, surpreendendo seu leitor. Em suma, conforme Andréia Simoni Luiz Antonio (2006, p. 20), a crônica se apresenta

[...] como uma manifestação híbrida (jornalismo/literatura; realidade/ficção; literatura/história; circunstancial/perene; prosa/poesia; humor/seriedade, etc.), a crônica não é especificamente este ou aquele gênero, mas a mistura deles.

Dentro dessa teia de possibilidades à disposição da crônica, o humor adentra como instrumento de crítica, como uma janela que se abre, a partir do fato real, para “uma reflexão sobre as possibilidades de problematização da história pela representação literária” (KONZEN, 2002, p. 97).

Essa reflexão trazida pela crônica se apresenta, conforme a herança do ensaio, com uma linguagem por vezes informal, que aproxima, e, por vezes, transporta o leitor para dentro da crônica, tamanha a identificação entre a história e o leitor. Lançando um olhar diferente sobre a vida cotidiana, o humor auxilia o leitor na abertura de um espaço reflexivo sobre aquilo que muitas vezes sequer é pensado. Seguindo esse aspecto, Cândido (1992, p. 14) afirma: “Ora, a crônica está sempre ajudando a estabelecer ou restabelecer a dimensão das coisas e das pessoas [...] sobretudo porque quase sempre utiliza o humor”.

O hibridismo da crônica, aliada ao humor, abre a possibilidade ao leitor de rir de si mesmo, das situações de sua vida que muitas vezes passam, sem que os indivíduos dêem a devida atenção ao que acontece ao seu redor.

Sobre a importância desse aspecto humorístico da crônica, atenta Antonio (2006, p. 75):

Fonte de motivação para a deflagração do riso, que se nutre dos “ridículos de cada dia”, e para a crônica, que concede uma dimensão nova ao cotidiano, a própria vida oferece material para a criação literária, tenha esta uma tendência psicológica, social ou humorística. Quanto ao humor, forma de conhecimento dos meandros sutis de nossa realidade e de nossa época, Ziraldo, por exemplo, comenta: “o humor é uma forma criativa de analisar criticamente, descobrir e revelar o homem e a vida”.

Para que se chegue a mais plena funcionalidade da crônica, passou-se a selecionar algumas crônicas impressas em jornais transformando-as em livros. Em consequência da natureza perecível do jornal e de suas notícias, a crônica necessita um novo pano de fundo que não o contexto limitado daquela edição do jornal. Nos dizeres de Jorge de Sá (1985, p. 83)

[...] na ultrapassagem do jornal para o livro, atenua-se o vínculo circunstancial e elimina-se a referência às demais matérias e à própria diagramação. Com isso, o texto adquire maior independência, e o leitor fica estimulado a buscar, no seu próprio imaginário, todas as associações possíveis.

No livro, o pano de fundo da crônica torna-se mais livre, de modo que cada leitor terá o seu fundo singular, trazendo para a crônica a sua vida numa leitura crítica. Nessa nova dimensão, o leitor se depara com uma “crônica [que] – apesar de toda a sua aparente simplicidade – só pode ser valorizada quando a lemos criticamente, descobrindo a sua significação” (SÁ, 1985, p. 79).

Segundo Sá (1985), abre-se a possibilidade de o leitor se descobrir na crônica, que mediante a linguagem poética, adentra na vida do leitor dando uma significação, por vezes nova, à própria vida. Se no jornal a crônica, na maior parte das vezes, tinha um objetivo definido relacionado ao contexto das notícias daquele dia, no livro ela se abre ao novo de cada leitor e de sua vida que se torna o contexto daquela crônica. Em suma, “a atitude diante do texto é que muda” (SÁ, 1985, p. 85).

Essa mudança de atitude é auxiliada pelo próprio estilo humorístico que busca criticamente desvelar, descobrir o homem e suas relações cotidianas. Um dos instrumentos do humor é a ironia.

Segundo o filósofo Soren Aabye Kierkegaard (2013), a ironia torna-se, por meio do humor, a reveladora daquilo que é de fato o objeto da mudança ou conservação, visto que por sua própria característica figurativa revela a essência de uma situação diante de sua própria existência:

[A] figura de linguagem irônica supera imediatamente a si mesma, na medida em que o orador pressupõe que os ouvintes o compreendem, e deste modo, através de uma negação do fenômeno imediato, a essência acaba identificando-se com o fenômeno (KIERKEGAARD, 2013, p. 247).

Para Kierkegaard (2013, p. 255), a ironia *sensu eminentiori*, ou seja, a de categoria mais elevada e própria do termo “não se dirige contra este ou aquele existente individual, ela se dirige contra toda a realidade em uma certa época e sob certas condições”.

O intuito dos cronistas ao usar o humor, a sátira e a ironia seria, por essa perspectiva, levar os leitores a considerar “num tom sério, o que, contudo, não é pensado seriamente” (KIERKEGAARD, 2014, p. 248). Lidar humoristicamente com os fatos, com os fenômenos correntes da vida conduz o leitor à atitude reflexiva sobre os problemas do cotidiano.

A crônica, portanto, tenta suscitar no leitor uma resposta ativa. Não é somente uma tentativa de trazer os fatos corriqueiros, cotidianos para dentro de uma ficção, mas convocar o leitor a adentrar na profundidade daquilo que é representado e, a partir disso compreender a vida, humoristicamente representada, de modo mais nítido. Acerca disso é exemplar a afirmação de Mikhail Bakhtin (2006, p. 271-272):

[...] toda compreensão plena real é ativamente responsiva e não é senão uma fase inicial preparatória da resposta [...]. O próprio falante está determinado precisamente a essa compreensão ativamente responsiva: ele não espera uma compreensão passiva, por assim dizer, que apenas dobre o seu pensamento em voz alheia, mas uma resposta, uma concordância, uma participação, uma objeção, uma execução.

Essa resposta que a obra suscita no leitor é que se vai procurar evidenciar na crônica humorística de Verissimo, em particular na obra intitulada “Amor Verissimo”, atentando em como o autor utiliza de humor, da ironia e etc. para abordar o homem de classe média³ e seus aspectos morais, traçando um retrato crítico deste.

³ Segundo a Comissão para Definição da Classe Média no Brasil, usando critérios absolutos de avaliação, todas as pessoas com renda *per capita* entre R\$ 310,00 e R\$ 1.096,00 por mês pertenceriam à classe média. Disponível em: <<http://www.sae.gov.br/vozesdaclassemedia/wp-content/uploads/Relat%C3%B3rio-Defini%C3%A7%C3%A3o-da-Classe-M%C3%A9dia-no-Brasil.pdf>>. Acesso em: 20 out. 2014.

3 HUMOR E MORALIDADE DO HOMEM EM VERISSIMO: A FÓRMULA DIANTE DA VIDA

As análises anteriores sobre o riso, o humor e a crônica foram necessárias para se chegar a uma compreensão mais ampla destes na obra analisada. Verissimo se utiliza amplamente do elemento humorístico para prender a atenção do leitor, assim como para conduzi-lo a uma reflexão acerca dos costumes, em particular da classe média.

Verifica-se que *Amor Verissimo* incorpora “recursos diversificados como a paródia, a ironia, o sarcasmo, a alegoria, o *nonsense*, a inversão de papéis, a transposição de situações, *et caetera*” (KONZEN, 2002, p. 96) e está convidando o leitor a buscar o que está por detrás da representação cômica.

O humor na obra, portanto, é em seu cerne “uma reflexão sobre as possibilidades de problematização da história pela representação literária” (KONZEN, 2002, p. 97), representação essa que busca demonstrar as contradições histórico-sociais. Vê-se, portanto, que na escrita de Verissimo:

A obra e o mundo nela representado penetram no mundo real enriquecendo-o, e o mundo real penetra na obra e no mundo representado, tanto no processo da sua criação como no processo subsequente da vida, numa constante renovação da obra e numa percepção criativa dos ouvintes-leitores. Esse processo de troca é sem dúvida cronotópico por si só: ele se realiza num mundo social que se desenvolve historicamente, mas também sem se separar do espaço histórico em mutação (BAKHTIN, 1990, p. 358).

Essa concepção de cronotopia, proposta por Bakhtin (1990), revela que o autor, o leitor e os personagens, apesar da distinção entre realidade e ficção, não estão separados, mas encontram-se em relação de troca a partir da própria obra criada.

Esse movimento entre a obra e o mundo, evidenciado por Bakhtin (1990), pode-se ver na crônica *Os seios da Maria Alice*, na qual Verissimo apresenta uma festa de casamento.

Na recepção, depois, a mãe da noiva dançou com o noivo, o pai do noivo dançou com a noiva, a mãe do noivo dançou com o pai da noiva, a nova mulher do pai da noiva dançou com o namorado da mãe do noivo, a terceira mulher do pai do noivo dançou com o Rosca e o padrasto da noiva, felizmente, estava com um problema na perna (VERISSIMO, 2013, p. 94).

A princípio pode-se tomar tal relato como uma situação isolada, como uma situação estritamente cronotópica, entretanto, o modo como Verissimo relata a situação traz, mediante o humor, a reflexão sobre a questão do casamento, de um compromisso, a princípio, “eterno”.

Ao iniciar com o relato usual de uma festa de casamento, e, aos poucos, inserir a realidade do divórcio, Verissimo demonstra a fragilidade e inconstância da vida, abrindo caminho para a “percepção criativa” de cada leitor que vê num relato que se apresenta como estático, situacional, a sua situação histórica em movimento, e aberta ao novo.

Para elucidar essa característica da produção literária de Verissimo referida ao escopo do trabalho, a saber, a moralidade do homem, dois exemplos de crônicas do livro *Amor Verissimo* trarão a reflexão de como o humor questiona, indaga algumas “certezas” não tão certas assim.

Na crônica *A vida não é uma comédia romântica*, Verissimo retrata o dilema de um homem casado que se apaixona à primeira vista por outra mulher. A história se desenrola com vários encontros entre Rogério e Maria Alice, ambos casados, ambos apaixonados um pelo outro. Rogério, em um de seus encontros, declara seu amor à Maria Alice e é correspondido. Em contrapartida, para sua esposa, Rogério não consegue abrir-se, e mesmo com sua esposa vendo um abraço entre ele e Maria Alice, usa da desculpa de “solidariedade humana” para se justificar.

Mas se encontram outra vez. Dois anos depois, na sala de espera de um pronto-socorro. Ele com a mulher, ela com o marido. Ele leva um susto ao vê-la. O que houve? É o Caquinho. O cretino conseguiu prender a língua numa lata de Coca. Ele se emociona. A mulher dele não entende. De onde o marido conhece aquele Caquinho? E aquela mulher? Ela está perguntando se aconteceu alguma coisa com a Gabriela. Não foi nada, Gabriela só bateu com a cabeça na borda da piscina e está levando alguns pontos. E nem a mulher dele nem o marido dela entendem por que, ao chegar a notícia de que o Caquinho só ficará com a língua um pouco inchada, os dois se abraçam daquela maneira, tão comovidos.

Depois, em casa, ele se explica:

— Solidariedade humana, pô (VERISSIMO, 2013, p.13).

Verissimo atenta para a contradição que pode ocorrer entre aquilo que um homem sente em oposição ao que ele assumiu como compromisso. No caso, qual é o limite da negação de seus sentimentos em face de um compromisso de âmbito social (pai de família)? De fato, a reflexão acerca do tema não é fácil. Não se trata de propor uma resposta simples, optando por uma ou outra face, estando de acordo ou não com a moral vigente. Acerca disso o filósofo Friedrich Nietzsche (1999, p. 198) faz uma acurada reflexão em *A Gaia Ciência*:

O erro habitual de sua pressuposição é afirmar algum consenso dos povos, pelo menos dos povos mansos, sobre certas proposições da moral, e disso concluir sua obrigatoriedade incondicional, também para ti e para mim; ou, inversamente, depois de se darem conta da verdade de que, em diferentes povos, as estimativas morais são necessariamente diferentes, concluir pela não obrigatoriedade de toda moral: duas coisas que são infantilidades igualmente grandes.

A negação de si em favor de uma moralidade e a negação de toda moralidade em favor de si e dos próprios desejos são atitudes “infantis”. A utilização da desculpa diante de sua esposa evidencia a fragilidade própria que o homem por vezes demonstra em não conseguir atuar com sinceridade diante de seus sentimentos, afinal um homem não pode demonstrar-se “sentimental”. Demonstrar sentimentos estaria em oposição à própria masculinidade que a sociedade burguesa estereotipa.

Essa incapacidade, muitas vezes conduzida pela própria moral da classe média, leva Rogério a um questionamento final, depois de tantos encontros e desencontros com Maria Alice: “[...] para onde foram as nossas vidas?” (VERISSIMO, 2013, p. 13).

Similar situação ocorre na crônica *Os seios da Maria Alice*, que demonstra como o noivo reage ao encontrar uma ex-namorada: “Quando Maria Alice e seu decote chegaram na frente do noivo ele, de olho no decote, perguntou ‘Como vão vocês?’” (VERISSIMO, 2013, p. 93) e o posterior diálogo entre os noivos:

— Você, quando viu a Maria Alice, não...

— Não!

— Jura?

— Juro (VERISSIMO, 2013, p. 94).

Novamente o grande dilema entre desejo e dever, entre vida e normas, entre instinto e instituições morais. A questão central é que, independentemente das escolhas morais de um homem, o importante é tomá-las com autenticidade, sabendo que a condição humana, representada magnificamente no final da crônica, é temporal:

E um dia ele leu no jornal que a Maria Alice faria uma palestra sobre Psicologia Motivacional. Tinha fotografia da doutora Maria Alice: óculos, papada, busto matronal. O tempo, pensou ele. O tempo é isso, o que transforma os seios da Maria Alice em busto matronal. A destruição de impérios e civilizações é só efeito colateral, e não nos diz respeito (VERISSIMO, 2013, p. 96).

A nossa condição temporal não nos permite falsear a vida por meio de ideais abstratos que, sujeitos ao tempo, perdem sua vitalidade. Não basta decidir segundo fórmulas, mas é preciso deixar a vida falar a partir dela mesma.

Também não se trata de colocar tudo em função da felicidade, numa negação que leva a total irresponsabilidade diante das escolhas, mas no encontro de um meio termo que conduza ao bom senso, à felicidade genuína, seja qual for a situação. Nesse caso, Verissimo conduz à reflexão sobre qual o lugar justo da moralidade dentro da vida a dois, focando principalmente nas atitudes do homem nessa relação de paixão e obrigação.

Em *As tentações de frei Antônio*, o autor traz o dilema de um monge que luta contra seus desejos sexuais, em paralelo a um casal e sua vida íntima. As duas cenas são antagônicas, mas o pano de fundo relativo à moral é particularmente o mesmo.

Frei Antônio é um monge que vive o dilema de seus desejos por uma mulher, e a condenação desses desejos, tendo o inferno como castigo. Em paralelo, cem anos depois, um casal, na mesma cela, tem suas intimidades.

A situação de frei Antônio revela como por muito tempo e, de certo modo, ainda hoje a moralidade ocidental, que é de influência cristã, desenvolveu a ideia “[...] de que o característico da ação moral reside na renúncia a si, na negação de si, no sacrifício de si mesmo” (NIETZSCHE, 1999, p. 198). Os desejos de frei Antônio deveriam ser negados, caso contrário ele seria punido com o inferno. Enfim, temos o aspecto antagônico entre um imperativo categórico “tu deves” *versus* o querer humano.

Uma frase evidencia e coloca esse aspecto moral em questão, quando Antônio acorda de seu sonho com o castigo infernal:

Mas castigo por que, se a porta nunca se abria, se a Lua não estava deitada ao seu lado? Ela só existe na minha imaginação. Eu a conjuro e ela não vem. Eu a amo e ela nunca virá. E eu arderei no Inferno só pelo que pensei (VERISSIMO, 2013, p. 148).

O dilema entre real e ideal, entre pensamento e realidade é posto e como a moralidade se projeta nele. Na verdade, o julgamento moral é feito em uma realidade ideal, no caso os pensamentos de frei Antônio e não na realidade dos fatos. Isso demonstra como a moral burguesa não consegue alcançar o âmago da vida.

Frei Antônio, mesmo sendo monge, continua sendo homem, com toda a funcionalidade de um homem não religioso, com desejos e sentimentos que todo homem tem. O fato de ele ser religioso não o faz imune à vida, não nega seus sentimentos e até mesmo sua funcionalidade biológica normal. Ele tenta ser um homem que, em última instância, não existe, ou seja, Frei Antônio tenta ser um homem ideal, mas se depara com suas limitações, com o homem real que é e do qual não pode escapar.

O paralelo entre o frei e o casal Luana e Túlio atenta para essa faceta que muitas vezes é negada. Um homem, independentemente da sua condição, seja ela religiosa ou não, não deixa de ter desejos.

A negação deste num estereótipo de religioso que nada sente diante dos acontecimentos da vida é uma formulação a partir da moralidade, em particular kantiana, que apregoa uma funcionalidade totalmente racional em detrimento de qualquer possibilidade patológica.⁴

Os desejos de Antônio e os de Túlio demonstram tanto a não diferença em relação à masculinidade de ambos e que somente uma sociedade hipócrita mascararia tal situação.

A crítica de Verissimo é sutil, porém precisa nos pontos em que a moralidade de um homem se transforma numa negação total daquilo que é a própria vida e atenta para o perigo de mascarar a realidade numa hipocrisia que somente revela a fragilidade do homem que se apoia em leis cristalizadas e sem sentido. Semelhante crítica faz Nietzsche (2000, p. 295) aos modelos uniformizantes:

Habitualmente nos empenhamos em alcançar, ante todas as situações e acontecimentos da vida, *uma* atitude mental, *uma* maneira de ver as coisas – sobretudo a isto se chama ter espírito filosófico. Para enriquecer o conhecimento, no entanto, pode ser de mais valor não se uniformizar desse modo, mas escutar a voz suave das diferentes situações da vida; elas trazem consigo suas próprias maneiras de ver. Assim participamos atentamente da vida e da natureza de muitos, não tratando a nós mesmos como um indivíduo fixo, constante, único.

A crítica de Verissimo e, em particular, na questão da moralidade do homem evidencia que “[...] a medida com que medimos, nosso próprio ser, não é uma grandeza imutável” (NIETZSCHE, 2000, p. 38), isto é, todas as nossas instituições que determinam as regras de comportamentos devem ser vistas a partir da visão não de um viajante que busca uma meta, mas de um andarilho que simplesmente caminha:

Quem alcançou em alguma medida a liberdade da razão, não pode se sentir mais que um andarilho sobre a Terra – e não um viajante que se dirige a uma meta final: pois esta não existe. Mas ele observará e terá olhos abertos para tudo quanto realmente sucede no mundo; por isso não pode atrelar o coração com muita firmeza a nada em particular; nele deve existir algo de errante, que tenha alegria na mudança e na passagem (NIETZSCHE, 2000, p. 306).

Essa metáfora de Nietzsche traz aquilo que todos os homens nas crônicas de Verissimo têm em comum: encontram-se na situação de viajantes com o dever da meta moral, mas desejam ardentemente ser peregrinos errantes, andarilhos com o coração livre para se alegrar com aquilo que a vida lhes oferece.

⁴ Kant, em sua obra *Fundamentação da Metafísica dos Costumes* (2007), concebe que toda atitude moral deve ser posta pela razão pura segundo uma máxima que deve ser passível de universalidade. Para ser universal essa razão deve estar totalmente dissociada de qualquer tendência patológica, ou seja, os sentimentos que cada indivíduo possa ter não devem influenciar a ação, de modo que somente obedecendo ao que é ditado pela razão pura a partir de suas máximas é o que confere o adjetivo de moral a uma atitude.

Em suma, cada um deles age segundo as fórmulas sociais, expressas de modo cômico por Verissimo, mas a crítica do autor demonstra que a vida está “além” dessas fórmulas, ela é algo de maior complexidade do que uma simples aplicação de fórmulas. Enquanto se estiver pensando como o mundo e as pessoas devem ser, jamais se dará um passo, com um mínimo de autenticidade, em direção à vida. É o paradoxo da vida, do cotidiano que Verissimo busca retratar e que outros literatos, como Adélia Prado (2013, p. 37), também buscam um olhar, mesmo que opaco como no poema *A que não existe*:

Meus pais morreram,
posso conferir na lápide,
nome, data e a inscrição: SAUDADES!
Não me consolo dizendo
'em minha lembrança permanecem vivos',
é pouco, é fraco, frustrante como o cometa
que ninguém viu passar.
De qualquer língua, a elementar gramática
declina e conjuga o tempo,
nos serve a vida em fatias,
a eternidade em postas.
Daí acharmos que se findam as coisas,
os espessos cabelos, os quase verdes olhos.
O que chamamos morte
é a máscara do que não há.
Pois apenas repousa
O que não pulsa mais.

A moralidade pode ser essa “máscara do que não há”, máscara de uma vida que não é mais uma vida, que não tem mais um coração que pulse sangue, pois, como diz Nietzsche (2005, p. 45), “de todo o escrito só me agrada aquilo que uma pessoa escreveu com o **seu** sangue. Escreve com sangue e aprenderás que o sangue é espírito”. Verissimo, com sua crítica, tenta resgatar que cada um deve se colocar inteiro naquilo que faz, para pulsar nas veias das normas estabelecidas aquilo que diz “vida”!

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A vida tem suas surpresas, isso talvez seja a grande pedra movente do ser humano. Ao se lançar um olhar humorístico, a intenção não se encerra somente em ridicularizar esta ou aquela situação cotidiana, mas em iniciar uma busca acerca do significado mais profundo que aquela situação traz em si.

Como diria Konzen (2002), mecanicidade e vivacidade estão num embate a cada situação por mais simplória que possa parecer. Em geral, a comodidade conduz a sociedade ao agir mecânico, artificial. A questão que se apresenta é se neste agir ainda resta algo que possa ser de fato uma ação que traga em si aquilo que se diz por vida.

A mecanicidade não abre a possibilidade do riso, dado que ela pressupõe uma única possibilidade, previamente traçada, planejada. No entanto, essa necessidade cria um hiato com a vida que é contingente. Nessa perspectiva, Thomas Morus⁵ colocava como bem-aventurança o rir de si mesmo como condição para se divertir. Divertir é verter-se para diversas direções, é um modo de conseguir perceber a diversidade que a vida é, de saber que o erro e o acerto fazem parte da vida e, o humor se torna, desse modo, um modo sadio de encarar a vida.

Cada situação da vida tem um “que” mais profundo que requer uma fuga da superficialidade mecânica daquilo que, simplesmente, apresenta-se como algo, a princípio, banal. A vida nos seus mínimos acontecimentos é grandiosa demais para ser banal. Na verdade, cada momento é, em certa medida, único, distinto e ao mesmo tempo pleno em si. Esta plenitude é o que a crônica humorística tenta captar ao retratar momentos cotidianos. Como afirma Bakhtin (1990): a crônica é uma representação de um dado momento da vida, porém sem se desligar da vida em sua totalidade. Por isso ela consegue comunicar os momentos corriqueiros, a princípio atrelados àquele momento e àquelas personagens e ainda assim transportar a vida do leitor para dentro da representação com uma peculiar vivacidade.

A crônica traz em si, portanto, a potencialidade de fazer com que o leitor se recrie na própria crônica, a partir de uma mudança de atitude não somente passiva diante da crônica, mas de leitura de si mesmo na crônica.

Nessa perspectiva, Luis Fernando Verissimo se destaca largamente por conseguir, com grande acuidade, transpor os fatos corriqueiros de modo magistral em sua crônica, atentando para os “ridículos de cada dia” que na verdade são os ridículos da sociedade como um todo.

⁵ Thomas Morus, além de filósofo, é um santo canonizado da Igreja Católica Apostólica Romana, a ele é atribuída uma versão das bem-aventuranças. Esse escrito pode ser encontrado no site da CNBB, no seguinte link: <<http://www.cnbb.org.br/outros/dom-luiz-demetrio-valentini/16589-compartilhando-as-bem-aventurancas-da-alegria>>. Acesso em: 23 ago. 2015.

Ridículos esses em que, no tocante à moralidade do homem, Verissimo se mostra mordaz e sutil, pois a maior parte dos homens age conforme o estabelecido pela sociedade. Entretanto, a crítica do autor levanta um questionamento primordial: Seria isto uma ação de fato ou um puro cumprimento segundo uma determinada fórmula, isto é, uma reação às regras?

A sociedade moderna traz em si a marca do imperativo categórico de Immanuel Kant encerrada na fórmula “tu deves”, entretanto, o homem não pode reduzir a vida a um dever. Isso se resumiria à negação da vida em seu acontecer. O dever conclama as premissas de necessidade e universalidade, porém o homem é um ser contingente, de modo que se está diante de uma contradição. Como pode o homem, em sua finitude, agir segundo normas absolutas?

A própria natureza da crônica rompe, em certa medida, com a compreensão por demais rígida da moralidade. Ao retratar fatos cotidianos, fugazes carregando em si a marca do ensaio inglês, isto é, da tentativa, Verissimo mostra de antemão o retrato da vida como ela é. Claro que este romper não prega a invalidade de toda e qualquer moralidade, mas questiona até que ponto o que está estabelecido responde à vida social em sua autenticidade.

Ao retratar homens em diversas situações que, porém se encontram no dilema do dever ante o querer, Verissimo retrata a grandeza da vida, que não se trata de focar a questão numa oposição entre a ortodoxia e a heterodoxia, mas de encontrar um modo de se colocar na vida diante de seu cerne paradoxal.

Esta tensão da vida é uma constante em todas as crônicas de Verissimo que, com humor refinado, dá a cada personagem a vivacidade do desejo de querer não somente sobreviver, mas de viver a vida no vigor que lhe é próprio, vigor esse que não se traduz em uma disposição para o cumprimento de máximas, mas de colocar-se na audiência da vida como ela se apresenta a cada momento.

A audácia da escrita de Verissimo, aliada ao estilo da crônica, traduz os anseios existenciais do homem, que não se contenta com a fria e calculada (re)produção de fórmulas, mas busca a vida no seu acontecer cotidiano, que não atende sempre aos padrões propostos pela sociedade. Diante disso, a questão que interpela cada homem é: “Como colocar-se de modo autêntico diante da vida?”. Muitas vezes a hipocrisia prevalece, mas cabe a cada um encontrar a cada dia o modo da autenticidade que o momento exige, não como viajantes que sabem aonde vão chegar, como disse Nietzsche (2000), mas como andarilhos na abertura e receptividade do que o momento tem a oferecer.

REFERÊNCIAS

- ANDRADE, G. C. C. M. de; BRIDI, M. V. **Luís Fernando Verissimo e o riso**. Universidade do Vale do Paraíba, 2006. Disponível em: <http://www.inicepg.univap.br/cd/INIC_2006/epg/08/EPG00000512-ok.pdf>. Acesso em: 10 jan. 2015.
- ANTONIO, A. S. L. **Mosaicos da memória**: estudo da crônica humorística de Luís Fernando Verissimo. 2006. 387 p. Tese (Doutorado em Estudos Literários) – Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Ciências e Letras, Campus de Araraquara. Araraquara, 2006. Disponível em: <http://www.athena.biblioteca.unesp.br/exlibris/bd/bar/33004030016P0/2006/antonio_asl_dr_arafcl.pdf>. Acesso em: 18 dez. 2014.
- BAKHTIN, M. **Estética da criação verbal**. Trad. Paulo Bezerra. São Paulo: Martins Fontes, 2006.
- _____. **Questões de literatura e de estética**: a teoria do romance. Trad. Aurora F. Bernardini et al. São Paulo: Hucitec, 1990.
- BERGSON, H. **O riso**: ensaio sobre a significação da comicidade. Trad. Ivone Castilho Benedetti. São Paulo: Martins Fontes, 2004.
- CÂNDIDO, A. et al. **A crônica**: o gênero, sua fixação e suas transformações no Brasil. São Paulo: UNICAMP; Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 1992.
- CHESTERTON, G. K. **O Homem eterno**. Campinas: Ecclesiae, 2014.
- D'ANGELLI, C.; PADUANO, G. **O cômico**. Trad. Caetano Waldrigues Galindo. Curitiba: UFPR, 2007.
- KANT, I. **Fundamentação da metafísica dos costumes**. Lisboa: Edições 70, 2007.
- KIERKEGAARD, S. A. **O Conceito de Ironia constantemente referido a Sócrates**. Petrópolis: Vozes, 2013.
- KÖCHE, J. C. **Fundamentos de Metodologia Científica**. Porto Alegre: Vozes, 1992.
- KONZEN, P. C. **Ensaio sobre a arte da palavra**. Cascavel: Edunioeste, 2002.
- MORE, T. **Utopia**. Trad. Jefferson Luiz Camargo e Marcelo Brandão Cipolla. São Paulo: Martins Fontes, 1999.
- NIETZSCHE, F. **Assim falou Zarathustra**. São Paulo: Martin Claret, 2005.
- _____. **Humano, demasiado humano**: um livro para espíritos livres. Tradução, notas e posfácio: Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.
- _____. **Obras incompletas**. São Paulo: Nova Cultural, 1999. (Os pensadores).
- PRADO, A. **Miserere**. Rio de Janeiro: Record, 2014.
- SÁ, J. de. **A Crônica**. São Paulo: Ática, 1985.
- VERISSIMO, L. F. **Amor Verissimo**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2013.

